



ENXERTO CORNEOCONJUNTIVAL PARA TRATAMENTO CIRÚRGICO DE PERFURAÇÃO DA CÓRNEA SECUNDÁRIA A DISTIQUIÁSE EM CÃO DA RAÇA SHIH-TZU: RELATO DE CASO

CORNEOCONJUNTIVAL GRAFT FOR SURGICAL TREATMENT OF CORNEAL PERFORATION SECONDARY TO DYSTICHIASIS IN A SHIH-TZU DOG: CASE REPORT

Bianca Alves Cirino Santos¹

Carolina Borges Pinto¹

Igor Carvalho Sobroza¹

Renata Dayrell De Lima Campos

Thays Evelyn de Souza Silva¹

Tayna Tábata Guimarães Teixeira²

INTRODUÇÃO: A distiquíase é uma condição muito comum na clínica de pequenos animais, sendo mais comum em cães (KROHNE, 2008), em que um cílio se origina das glândulas tarsais presentes nas pálpebras inferiores e superiores, responsáveis por produzir a porção lipídica do filme lacrimal (CAPLAN, 2014). Esta condição pode manifestar-se de forma unilateral ou bilateral e afeta tanto a pálpebra superior quanto a inferior. Os principais sinais clínicos são epífora, blefaroespasma, dor e úlceras superficiais e profundas ou até mesmo perfuração da córnea. O tratamento da distiquíase envolve a remoção do folículo piloso, realizada por meio da epilação mecânica ou até mesmo cirúrgica (SAFATLE, 2023). A epilação mecânica é a retirada do folículo piloso de forma manual, utilizando pinça e boa iluminação direta. Após a epilação mecânica, é comum o cílio crescer novamente em torno de 4 a 5 semanas. O tratamento cirúrgico pode ser realizado por meio de várias técnicas como a dissecação cirúrgica do folículo, a excisão parcial da placa tarsal, eletroepilação e a criocirurgia (SAFATLE, 2023). As ceratites ulcerativas são denominadas como a perda do epitélio ou estroma da córnea e são classificadas de acordo com sua profundidade e sua causa (SAFATLE, 2023). A distiquíase está entre as causas mais frequentes das ceratites ulcerativas,

¹ Discentes do curso de Medicina Veterinária da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, MG.

² Médica Veterinária no Centro Veterinário da PUC Minas, Unidade Praça da Liberdade, Pós-graduada em Oftalmologia e Microcirurgia Ocular.

sendo necessário diagnóstico rápido e tratamento imediato para evitar complicações graves, como a perfuração ocular, perda de visão ou até mesmo a perda total do globo ocular. (SLATTER, 2015; O'NEILL et al., 2017; GOGOVA et al., 2020; MEEKINS, 2021). A perfuração da córnea ocorre quando camadas mais profundas são lesionadas, levando ao extravasamento do humor aquoso e outros componentes oculares (RAMOS et al. 2019). O tratamento da perfuração é cirúrgico e pode ser realizado por meio de várias técnicas como enxertos conjuntivais ou corneoconjuntivais, uso de membranas biológicas, transplante de córnea e outros (BARROS et al., 1995, GODOY-ESTEVEZ et al., 2005, AZEVEDO, 2006). A escolha do tratamento visa restaurar a visão e preservar o bulbo ocular (LIM & MAGGS, 2015). O objetivo do presente trabalho é relatar a abordagem clínica e cirúrgica de uma perfuração corneana secundária a distiquíase por meio da realização de enxerto corneoconjuntival em um cão. **MATERIAL E MÉTODOS:** Um cão macho, da raça Shih-Tzu, de três anos, foi atendido no Centro Veterinário da PUC Minas, apresentando quadro de Descemetocelose no olho direito. A tutora relatou que o animal apresentava déficit visual importante, esbarrava em objetos, não conseguia abrir os olhos em determinados momentos e apresentava muita secreção mucopurulenta no olho direito. Durante o exame oftálmico, notou-se resposta à ameaça positiva bilateral, demonstrando integridade do nervo óptico e do nervo facial. O olho direito apresentava crostas ao redor da pálpebra, hiperemia conjuntival intensa, edema corneano, vasos na extensão da córnea e ceratite ulcerativa profunda corando apenas as bordas da lesão com fluoresceína. O olho esquerdo apresentava hiperemia conjuntival moderada, injeção ciliar em canto medial e ceratite ulcerativa estromal em região de 4-8h evidenciada pelo teste de fluoresceína. Devido ao temperamento do paciente, não foi possível a realização adequada do exame de biomicroscopia com lâmpada de fenda. Foi iniciado tratamento clínico conservativo com os colírios de Cloridrato de Moxifloxacino 5,45 mg/ml (uma gota a cada 2 horas nas primeiras 24 horas e em seguida a cada 4 horas em ambos olhos), Tropicamida 10mg/ml (uma gota a cada 8 horas em ambos os olhos por 5 dias), Edta 0,35% (uma gota a cada 6 horas em ambos os olhos) e lubrificante (Systane Complete® - uma gota a cada 4 horas em ambos os olhos). Após três dias de tratamento foi realizado o retorno do paciente quando identificou-se a perfuração da córnea do olho direito com a formação de estafiloma de íris e deposição de fibrina tamponando a lesão. Foi indicado o tratamento cirúrgico e os exames pré-operatórios como hemograma completo, bioquímico e eletrocardiograma foram realizados e apresentaram resultados dentro da normalidade. Durante o início do procedimento cirúrgico, após o posicionamento do paciente na mesa e com o uso do microscópio cirúrgico foram detectadas distiquíases que causaram as

lesões em ambos os olhos. A técnica de escolha para sua remoção foi a ressecção da placa tarsal da conjuntiva palpebral eliminando os folículos pilosos e para resolução da perfuração o enxerto corneconjuntival com pontos simples interrompidos e utilização de fio Nylon 9-0 (Figura 1). O tratamento foi mantido no pós-operatório e foi adicionado o uso de Dipirona 25mg/kg por via oral, a cada 8 horas durante 5 dias para controle analgésico. No retorno pós-operatório o paciente apresentava-se confortável e notava vascularização adequada do enxerto (Figura 2). **RESULTADOS e DISCUSSÃO:** A córnea é a estrutura mais externa do globo ocular, sendo transparente, avascular e convexa, importante na refração da luz. A córnea geralmente tem menos de 1 mm de espessura, é coberta por uma película lacrimal pré-corneal e tem quatro camadas: o epitélio, o estroma, a membrana de Descemet e o endotélio (CAPLAN e YU-SPEIGHT, 2014). A úlcera de córnea é caracterizada pelo rompimento do epitélio e exposição do estroma, podendo em alguns casos ocorrer também a exposição da membrana de Descemet. As úlceras de córnea são classificadas de acordo com tamanho, profundidade e etiologia: úlcera superficial, profunda, descemetocèle e perfuração da córnea (DIETRICH, 2007). O paciente do presente relato apresentou uma lesão profunda (descemetocèle) que evoluiu para uma perfuração da córnea de caráter emergencial, tornando a cirurgia o tratamento padrão ouro (GOGOVA et al., 2020). O paciente foi rapidamente submetido ao procedimento para que tivesse uma reparação eficaz, pois caso contrário, poderia comprometer sua visão levando à cegueira e até mesmo inviabilidade do globo ocular. O enxerto corneconjuntival, técnica escolhida para resolução da perfuração, mantém a integridade da córnea, reduz a cicatriz e possibilita a preservação da visão do animal (LIM & MAGGS, 2015). **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Tratar a causa base da lesão é crucial, pois muitas vezes a lesão é um sinal secundário. O não tratamento da causa base pode levar a recorrências da lesão ou até mesmo agravar a condição, comprometendo a acuidade visual e conforto do animal. Portanto, identificar e tratar a causa base é fundamental para garantir a eficácia do tratamento e promover a recuperação completa e duradoura do paciente. Dito isso, destaca-se a importância do diagnóstico precoce da úlcera de córnea, uma das condições mais comuns na oftalmologia veterinária, para evitar complicações como a perfuração ocular descrita no texto e uma possível perda da visão. Essa perspectiva ressalta a importância de atenção e cuidado para prevenir danos mais graves e minimizar o desconforto na saúde ocular dos animais.

Figura 1: Enxerto corneconjuntival.



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Figura 2: Olho do paciente 21 dias após a retirada de pontos.



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Palavras-chave: Cílios ectópicos; Descemetocel; Ceratite ulcerativa.

Keywords: Ectopic eyelashes; Decemetocel; Ulcerative keratitis.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO A. B. **Ceratoplastia lamelar em cães usando membrana amniótica equina: estudo clínico e morfológico.** 130f. São Paulo, SP. Tese (Doutorado em Medicina Veterinária) - Programa de Pós-graduação em Cirurgia da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, 2006.

- BARROS, P. S.; SAFATLE, A.; MALERBA, T. A. BURNIER JUNIOR, M. Reparação cirúrgica da córnea de cão usando pericárdio como prótese. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, v. 32, n. 4, p. 251-255,1995.
- CAPLAN, E. R; YU-SPEIGHT, A. Cirurgia do Olho. In: FOSSUM, T. W. **Cirurgia de pequenos animais** (2014). 4ed. Rio de Janeiro: Elsevier
- GODOY-ESTEVEZ, C. A. L.; BARROS, P. S. M. **Estudo comparativo da utilização de membranas amnióticas de coelha e humana como enxerto em ceratoplastia lamelar em coelhos**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- GOGOVA,S. et al, Corneal defects in dogs: A multicentric retrospective study of 100 cases (2012-2018). **Veterinary ophthalmology**, v.23, n. 3 p. 450-459, 2020. Disponível em:<<https://doi.org/10.1111/vop.12740>>. DOI:10.1111/vop.12740
- KROHNE, S. G. **Medial Canthus Syndrome in Dogs – Chronic Tearing, Pigment, Medial Entropion, and Trichiasis** (2008). Proceedings of a Symposium sponsored by Schering-Plough Animal Health.
- LIM, C., & MAGGS, D. J. (2015). Oftalmologia. In S. E. Little (Ed.). **O gato: medicina interna** (pp. 1177–1178). Roca Ltda
- MEEKINS, J. M. et al. Ophthalmic Anatomy. In:GELATT, K. N.; BEN-SHLOMO, G.; GILGER, B. C.; HENDRIX, D. V.; KERN, T. J.; PLUMMER, C. E..**Veterinary Ophthalmology** (6. ed). John Wiley & Sons, p. 41-123, 2021.
- O'NEILL, D. G. et al. Corneal ulcerative disease in dogs under primary veterinary care in England: epidemiology and clinical management. **Canine Genetics and Epidemiology**, v. 4, n. 1, p. 1-12, 2017. DOI:10.1186/s40575-017-0045-5. Disponível em:<<https://doi.org/10.1186/s40575-017-0045-5>>.
- RAMOS, R.; RODRIGUES, L.; PASSOS, Y.; PALÁCIO, L. Enxerto conjuntival pediculado no tratamento cirúrgico de perfuração ocular em paciente canino. **Ciência Animal**, Fortaleza, v. 29, n. 4, p. 41-44, 2019. Disponível em: <https://www.cabidigitalibrary.org/doi/pdf/10.5555/20203326327>.
- SAFATLE, A. M. V.; GALERA, P. D. **Oftalmologia Veterinária: Clínica e Cirurgia**. 1ed. Pernambuco: Paya Editora, 2023.
- SLATTER, D; DIETRICH, U. Córnea e Esclera. In: SLATTER, D. **Manual de Cirurgia de Pequenos Animais**. 3.ed. São Paulo: Manole, 2007.